

## A DIVERSIDADE DA VIDA NOS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS: ONDE A FIGURA MÍTICA DA COBRA SE MULTIPLICA EM DIFERENTES SENTIDOS DE MUNDO(S)

*Pâmela Damilano dos Santos<sup>1</sup>*

### RESUMO

O artigo reúne alguns mitos de origem de diferentes tradições culturais que coexistem nos territórios amazônicos, em um esforço arqueológico que tem como objetivo amplificar a visibilidade das narrativas míticas enquanto potências criativas que manifestam a diversidade cultural que permeia a biodiversidade dos territórios amazônicos. A riqueza da biodiversidade amazônica é mundialmente valorizada, no entanto, pouco se reconhece que é resultado do modo de ser, pensar e agir no mundo dos diversos povos originários que coabitam e compõem os territórios amazônicos (NEVES, 2020). Tomando como base metodológica a noção de Multiplicação Dialógica (GUIMARÃES, 2022; 2021; 2020; 2017) que aponta para princípios de uma Psicologia Indígena implicada com a abertura para a diversidade, partimos da figura mitológica da cobra enquanto critério de recorte, operando uma multiplicação de sentidos desde diferentes perspectivas culturais que cada mito de origem manifesta. O trabalho explicita o contraste entre a perspectiva dos missionários e colonizadores com os povos originários e afro-diaspóricos. A figura mitológica da cobra é demonizada no mito bíblico do Gênesis enquanto origem do mal, pecado e traição, ao passo que, por sua vez, nos diferentes mitos de origem indígenas e afro-diaspóricos, aparecem outros sentidos possíveis, exaltando potências criativas e transformadoras, associada ao arco-íris que une céu e terra, a capacidade de trânsito entre diferentes pólos, bem como em rituais de cura (LINDOSO, 2007), associada também à *Ayahuasca* e a arte feminina do *Kene*, em seu potencial transformador de cura e percepção visionária (BELAUNDE, 2013; LAGROU, 2013); bem como à própria origem da vida em sua diversidade e dos rios que entrecortam os territórios amazônicos (PĀRÖKUMU & KĒHIRI, 1995; PACHECO, 2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** Biodiversidade. Cobra. Mitos de origem. Psicologia Indígena. Territórios Amazônicos.

### THE DIVERSITY OF LIFE IN AMAZONIAN TERRITORIES: WHERE THE MYTHICAL FIGURE OF THE SNAKE MULTIPLIES ITSELF IN DIFFERENT SENSES OF WORLD(S)

### ABSTRACT

The article brings together some origin myths from different cultural traditions that coexist in Amazonian territories, in an archaeological effort that aims to show the potency of mythical narratives as manifestation of cultural diversity that permeates biodiversity of Amazonian territories. The richness of Amazonian

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia Experimental sob orientação do Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: [pamela.damilano.santos@usp.br](mailto:pamela.damilano.santos@usp.br)

biodiversidade é globalmente valorizada, no entanto, pouco se reconhece que esta biodiversidade é resultado de um certo modo de ser e habitar o mundo próprio dos diferentes povos originários que coabitam e compõem os territórios amazônicos.

**KEYWORDS:** Amazonian territories. Biodiversity. Indigenous Psychology. Snake. Origin myths.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo<sup>2</sup> reúne narrativas de mitos de origem de diferentes tradições culturais que coexistem nos territórios amazônicos, em um esforço arqueológico que tem como objetivo ampliar a visibilidade das narrativas míticas enquanto potências criativas que manifestam a diversidade cultural que permeiam a biodiversidade dos territórios amazônicos. A importância de nossa biodiversidade é mundialmente reconhecida e valorizada, no entanto, pouco se reconhece que esta biodiversidade é resultado de um certo modo de ser e habitar o mundo próprio dos diferentes povos originários que coabitam e compõem os territórios amazônicos.

Neste recorte de alguns mitos de origem de diferentes perspectivas culturais, temos uma pequena amostra da vasta diversidade de modos de ser, pensar e se relacionar com o mundo praticados nos territórios amazônicos. Esse recorte parte do entendimento de que cada contexto cultural compartilha um *ethos* próprio, ou seja, cada grupo étnico compartilha de uma certa ética, certos valores e hábitos, compondo assim as “instalações do humano” (FIGUEIREDO, 1996/2013) que caracterizam as diferentes formas humanas de ser e habitar o mundo (GUIMARÃES, 2021) com as quais temos muito o que aprender, pois esses mitos de origem veiculam uma sabedoria milenar a partir de suas respectivas cosmologias que orientam um modo próprio de existir e estabelecer relações no (e com o) território.

Em um esforço arqueológico diante da profunda complexidade dos territórios amazônicos, busca-se dar maior enfoque às narrativas historicamente invisibilizadas dentre as narrativas

---

<sup>2</sup> A escrita do artigo durante o período de vigência do Mestrado contou com apoio da FAPESP (2019/22742-3).

hegemônicas, como é o caso das cosmologias indígenas e afro-brasileiras apresentadas no presente artigo, que partem de saberes milenares que permeiam os territórios amazônicos. Orientado pela sistematização metodológica da Multiplicação Dialógica (GUIMARÃES, 2022; 2021; 2020; 2017) que aponta princípios para uma Psicologia Indígena implicada com a abertura para a diversidade, o trabalho opera uma multiplicação de sentidos possíveis a respeito da figura mítica da cobra, presente em diversos mitos de origem, amplificando as diversas vozes que coexistem na (e compõem a) heterogeneidade cultural dos territórios amazônicos. Essa multiplicação de sentidos em torno da figura mítica da cobra nos convida a pensar sobre as muitas outras possibilidades de ser e pensar em relação ao mundo, diante dos diferentes valores atribuídos à cobra, que, se em algumas perspectivas culturais inspira medo e repulsa enquanto representante do mal, do pecado e da traição; em outras, por sua vez, manifesta-se também a possibilidade de uma relação de respeito e reverência à figura mítica da cobra, que é inclusive cultuada em alguns contextos culturais, associada às potências transformadoras, criativas e curativas da vida em suas origens.

## **2. A PROFUNDEZA DOS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS**

A arqueologia contemporânea (NEVES, 2000) já discute como a biodiversidade própria dos territórios amazônicos não se trata de uma floresta de pureza originária a ser preservada da presença humana, esta última, usualmente tomada enquanto sinônimo da ação predatória e colonizadora do Homem na Natureza. No entanto, partindo de princípios para uma Psicologia Indígena (GUIMARÃES, 2020; 2021), é importante reconhecer a diversidade de formas humanas de habitar o mundo e, nos abrindo para a possibilidade de dialogar e aprender com diferentes perspectivas culturais, outras relações entre humanidade e natureza são possíveis, ampliando os horizontes de possibilidades de existência no (e com o) mundo. Nesse sentido de pensarmos para além da ação predatória ou danosa da presença humana na natureza, as diversas formas humanas de habitar um território se manifestam, por exemplo, em estudos arqueológicos contemporâneos (NEVES, 2000) que propõem que a biodiversidade característica dos territórios amazônicos é, justamente, o resultado da ação cultural dos povos originários e seus modos próprios de habitar o território.

Evidências arqueológicas revelam marcas de uma história (até então subterrânea) de intensas trocas e transformações decorrentes da ação criativa dos povos originários em interação intensiva com o ambiente ao longo do tempo. Ao analisar os processos de sedimentação de terra preta na região, altamente fértil e composta pela ação humana, foi encontrada uma alta densidade de restos de cerâmica entre outros vestígios humanos que evidenciam uma ocupação densa, estável e milenar no

território, que co-participaram na formação e proliferação da complexa biodiversidade da região (NEVES, 2000).

Trata-se de um modo de existência que transforma criativamente a formação da paisagem (TSING, 2019) amazônica a partir de como se dá a habitação do território e as relações estabelecidas com o mundo. Em vez de ser predatório, é justamente o que incrementa a biodiversidade do território. Assim, entendemos que a cultura própria dos povos originários que coabitam os territórios amazônicos influenciaram profundamente na constituição dessa vasta biodiversidade amazônica em sua pluralidade e heterogeneidade, complexa e profunda, tanto em sua dimensão cultural simbólica quanto material, visto que a cultura milenar desses povos se reflete materialmente em uma biodiversidade característica do território que, longe de ser uma natureza “dada” desde sempre, é fruto de intensas e complexas trocas culturais criativas entre os povos originários que o habitam há milênios (NEVES, 2000).

Assim, podemos entender que essa vasta biodiversidade é fruto da ação cultural de povos originários que, por se orientarem desde suas cosmologias de tradição milenar de conhecimento, trazem outras formas de habitar o mundo que não a naturalizada ação predatória da presença do “Homem” na “Natureza”, pois esses povos, orientados por suas próprias cosmologias milenares, se furtaram a operar o corte profundo entre Natureza e Cultura que inaugura uma forma de construir conhecimento própria da tradição ocidental moderna trazida pelos colonizadores. Essa herança epistêmica hegemônica se fundamenta em uma ontologia naturalista (DESCOLA&SCARSO, 2016), ou seja: que pressupõe que exista uma Natureza “dada” enquanto objeto, sem agentividade própria, e portanto passível de ser manipulada e dominada pela dita “Cultura”, enquanto marcador de humanidade, uma visão de mundo própria das tradições ocidentais modernas de pensamento que, ainda hoje, predominam em padrões hegemônicos de entender o mundo e de como habitá-lo, herdados historicamente desde as invasões dos colonizadores. Por outro lado, as cosmologias próprias das tradições milenares dos povos originários e afro-diaspóricos se furtaram a operar esse corte existencial tão profundo, que divide o mundo entre Natureza e Cultura – uma ferida aberta pelo logocentrismo cartesiano próprio das preocupações epistêmicas ocidentais modernas, lógica esta que fundamentava as operações de colonização dos territórios e extermínio dos corpos e saberes divergentes dos pressupostos de hegemonia do Ocidente moderno em ascensão (GROSFUGUEL, 2016).

Diferente dessa lógica de extermínio das diferenças ao redor do mundo, as cosmologias dos povos originários nos apresentam outras possibilidades éticas de relação com a diferença em seus

modos próprios de habitar o território e suas reflexões expressas pelos mitos de origem orientados por outras perspectivas ontológicas possíveis. A figura ambígua da cobra aparece em vários mitos de origem de diferentes contextos culturais, cada qual com suas próprias elaborações decorrente de uma perspectiva cosmológica específica. A cobra, enquanto figura de enfoque escolhida ao visitar diversos mitos de origem próprios da região amazônica, dá a ver a singularidade dos processos de construção de sentido e a diversidade cultural que coexistem nos territórios amazônicos.

### 3. MULTIPLICAÇÃO DE SENTIDOS NOS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS

Tomando a noção de Multiplicação Dialógica enquanto referencial teórico-metodológico que aponta princípios para uma Psicologia Indígena (GUIMARÃES, 2022; 2021; 2020; 2017), parte-se da compreensão de que a cultura é plural e heterogênea em sua diversidade, assim, é importante reconhecer os limites de conceitos universalizantes diante da singularidade de cada contexto cultural, recusando tendências de apagamento das diferenças e homogeneização dos sentidos possíveis na construção de conhecimento. Bem como, é importante reconhecer que *todo* conhecimento (inclusive o científico) é um fazer culturalmente situado (SIMÃO, 2015) e derivado dos seus próprios mitos e ritos que cada contexto cultural proporciona, ou seja, deriva das experiências compartilhadas cotidianamente e das imagens e narrativas que emergem a partir dessas experiências vividas em um determinado contexto cultural específico (GUIMARÃES, 2017).

Isso coloca certos limites e possibilidades de construção de sentido que é balizado pelo contexto cultural, ou seja, as rotas de elaboração de sentido e conhecimento são traçadas em uma determinada direção em detrimento de outras possíveis, sempre a partir de um contexto de experiências que a cultura possibilita ou limita (GUIMARÃES, 2017). A partir desta perspectiva teórico-metodológica, a figura da cobra deixa de ser supostamente a “mesma”, enquanto uma natureza “dada” para todos, e se multiplica em diferentes rotas de sentidos culturalmente situados que os diversos mitos de origem expressam, aqui sucintamente apresentados a partir de um recorte específico: como as cobras aparecem nos diferentes mitos de origem nos territórios amazônicos.

A concepção de mito a partir da qual esse trabalho se baseia busca subverter, ressignificar e retomar esse termo que, infelizmente, seu uso pejorativo tem sido naturalizado tanto entre o senso comum quanto entre a comunidade científica, que usualmente pressupõe que mito seria um conhecimento menor a ser superado ou esclarecido pelo discurso científico. A partir de uma perspectiva dialógica em Psicologia (MARKOVÁ, 2016), a relação entre “Mito” e “Logos” não é hierarquizada em uma suposta linha evolutiva do conhecimento, mas sim, interessa pensar sua

coexistência enquanto aspectos complementares e indissociáveis na construção de conhecimento. O “Mito” proporciona uma linguagem de acesso privilegiado às dimensões imagéticas, afetivas, sensoriais e até mesmo oníricas da experiência, enquanto a linguagem do “Logos” privilegiaria o acesso às dimensões simbólicas, lógicas e racionais da experiência. Podemos entender “Mito” e “Logos” enquanto diferentes modos de acessar a experiência e organizar algum sentido possível, cada qual com suas possibilidades e limites, nem melhores nem piores, mas complementares. Em uma perspectiva dialógica, “Mito” e “Logos” se articulam na construção de conhecimento, de modo que é possível reconhecer uma lógica na narrativa mítica assim como uma base intuitiva na argumentação científica.

O convite aqui é de suspender os pressupostos de uma certa natureza “dada”, próprio de uma ontologia naturalista, ao nos aventurarmos na multiplicação de diferentes rotas afetivo-cognitivas de construção de sentido sobre a vida, ensinadas pelos diversos mitos de origem que coexistem nos territórios amazônicos. Ao dar a ver as múltiplas facetas da figura mítica da cobra, em certa medida, as narrativas proporcionadas pelos mitos de origem nos abrem a possibilidade de concebermos um certo “multinaturalismo” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004), ou seja, conceber a coexistência de múltiplas naturezas potencialmente transformativas que a cobra abrigaria em si mesma. Estar diante de tamanho potencial de transmutação e coexistência de múltiplas naturezas pode ser uma experiência radical de indeterminação, que se para uns é fonte de profunda angústia a ser evitada e temida, para outros é fonte de fascínio e atração.

### **A(s) cobra(s) que se multiplicam em diferentes sentidos de mundo(s)**

As maçãs envolvem os corpos nus  
Nesse rio que corre  
Em veias mansas  
Dentro de mim  
Anjos e arcanjos  
Não pousam nesse Éden infernal  
E a flecha do selvagem  
Matou mil aves no ar  
Quieta, a serpente  
Se enrola nos seus pés  
É Lúcifer da floresta  
Que tenta me abraçar  
(Ave, Lúcifer – Rita Lee, Arnaldo Baptista e Élcio Decário)

Orixá é rei, da antiga Daomé  
É o dono da vidência  
É meu pai Oxumaré

É o Deus da terra  
Vem em forma de serpente  
Ele é cobra, ele é gente  
É o início e o fim da fé  
Orixá encantado  
Ele é a dualidade  
Serpenteando toda terra  
Traz com ele a saudade  
(As cores e as dores de Oxumaré – Marluci Teodora Ferreira)

Os trechos musicais supracitados dialogam com diferentes sentidos atribuídos à figura mítica da cobra a depender do contexto cultural. Se para uns a cobra, em sua ambiguidade, é o pecado e a traição; para outros, é poder de transmutação e criação da vida, sendo reverenciada. Recordemos dos mitos de origem bíblicos, por exemplo, em Genesis, a Serpente do Jardim do Éden convence Eva - a primeira mulher - a provar o fruto proibido junto com Adão - o primeiro homem - marcando a origem do pecado. A figura da cobra, associada à mulher, parece permear o imaginário ocidental cristão pela demonização do prazer e da sedução, relacionada à tentação, à traição, e ao próprio Diabo no mito de origem bíblico. No período histórico de “caça às bruxas”, mulheres que detinham profundos conhecimentos sobre seus próprios corpos e sua relação com a natureza foram perseguidas e violentamente exterminadas sob a acusação de terem pacto com o Diabo, uma narrativa que demonizava seus conhecimentos e seus próprios corpos, queimadas vivas na fogueira da Santa Inquisição. O Ocidente moderno emerge às custas das cinzas dessas “bruxas”. Essa passagem para o mundo moderno ocidental só foi possível pela expropriação das terras comunais e seus conhecimentos, que na época centralizavam-se nessas mulheres que detinham profundo conhecimento derivado de sua relação com a natureza e eram verdadeiras articuladoras da comunidade em dimensões sociais, políticas e espirituais (FEDERICI; 2014). Essas mulheres, verdadeiras bibliotecas corporificadas, foram queimadas vivas. A demonização dessas mulheres promovida pela Santa Inquisição, que levou às últimas conseqüências esse genocídio e epistemicídio - ou seja, o extermínio de conhecimentos decorrente do extermínio de pessoas - possibilitou e favoreceu (direta ou indiretamente) o surgimento da propriedade privada e do capital, (FEDERICI; 2014) marco do Ocidente moderno, fundado em valores inquisitórios e de violento extermínio que foi levado além-mares pelas ditas “expansões marítimas”, marcando violentamente os territórios invadidos com valores colonialistas que ecoam até hoje em questões contemporâneas (GROSGUÉL, 2016).

Já na perspectiva das estéticas amazônicas, a figura da cobra (mais especificamente a sucuri ou anaconda) está presente em diversos mitos de origem dos povos originários relacionados às origens da vida e dos rios. Na amazônia marajoara, as origens do rio Arari entre muitos outros rios que se emaranham na região, se devem às cobras, segundo a cosmologia de seus povos originários. No início não haviam aqueles rios, mas sim, uma infinidade de cobras que, por causa das secas, iam buscar água se deslocando do centro para a costa. Por serem tão grandes e pesadas, seus corpos deixavam rastros na terra em direção ao mar, formavam fendas tortuosas que iam se preenchendo com as águas das chuvas até se transformar em rio: tortuoso como os rastros dessas grandes cobras, mães dos rios ou Mãe D'água (PACHECO, 2009). As sucuris ou anacondas que viviam nos leitos dos rios marajoaras eram fonte de terror para os missionários católicos, representantes dos ideais colonizadores nos territórios amazônicos. A mentalidade desses missionários, provavelmente, era fundamentada em afetos e concepções a respeito da cobra que toma como referencial os mitos de origem bíblicos, em que a cobra é representante do próprio Diabo no Jardim do Éden, instigando a tentação, o pecado e a traição; em decorrência disso, seria incontestavelmente pura fonte de terror a ser combatido. No entanto, como destaca o autor, para os caboclos da região, na concepção marajoara, essas gigantescas criaturas das águas são guardiãs e mães dos rios, é a Cobra Grande, símbolo de vida, fertilidade e abundância. A Cobra Grande das cosmologias dos povos originários e das concepções marajoaras está ligada aos Encantados, aos seres das águas, ao mundo encantado no fundo do rio (PACHECO, 2009).

Na região do Alto Rio Negro, há o mito de origem da Cobra-canoa na perspectiva cosmológica dos Dessana. Na sabedoria desses povos originários, a humanidade se originou a partir da Cobra-canoa que ia percorrendo o rio, e ao longo de cada parada no percurso do rio, cada gente/povo ia desembarcando e se transformando no que é hoje, em sua vasta diversidade (PÃRÕKUMU & KĒHÍRI, 1995). A cobra é conceito chave e fio condutor que articula os múltiplos universos artísticos e cosmológicos de diversos povos originários nos territórios amazônicos. Entre os Wauja, Huni Kuin ou Kaxinawa, Shipibo-Konibo e Ashaninka, todos remetem à cobra nos mitos de origem da tecelagem, grafismos e cantos. A figura da serpente une em sua forma e na decoração de sua pele todas as possibilidades da figuração, sendo o princípio gerativo das formas e do gênero (SEVERI & LAGROU, 2013).

Entre os Huni Kuin ou Kaxinawa, a sabedoria dos “povos com desenho” nos ensina que “o desenho da cobra contém o mundo. Cada mancha na sua pele pode se abrir e mostrar a porta para entrar em novas formas” (Edivaldo Domingos Kaxinawa *apud* LAGROU, 2013, p.76). “Povos com



desenho” é uma autodenominação utilizada por alguns grupos pano da Amazônia Ocidental na fronteira entre o Peru e o Brasil como os Huni Kuin ou Kaxinawa, Shipibo-Konibo e Marubo, entre os quais a cobra está relacionada ao desenho e à origem de todas as formas do mundo. Os “povos com desenho” partilham de alguns entendimentos semelhantes sobre a cobra: é dona dos desenhos, origem de todas as formas e está relacionada ao mundo encantado das águas. Nos mitos de origem, pode ser Yube, dono(a) do mundo aquático, que deu origem à Ayahuasca, que dá a capacidade de conexão com o mundo das imagens (“*damí*”) e dos espíritos (“*yuxin*”). Assim como a arte do desenho (“*kené*”) é uma dádiva do espírito da sucuri, que ensinou os dons do desenho às mulheres Huni Kuin ou Kaxinawa (LAGROU, 2013). O uso ritual da Ayahuasca é uma das muitas técnicas indígenas de acesso a um estado de percepção visionário capaz de promover curas e aprendizados, ou seja, é um modo próprio de construção de conhecimento a partir da experiência ritual. Outra dessas técnicas que participam dos rituais xamânicos é o “*kené*” (desenho) que se forma, ao ser ativado pelo canto e pela Ayahuasca, operando um deslocamento entre uma percepção visual comum para acessar um estado de percepção visionária. O “*kené*” (desenho) é uma composição de linhas labirínticas que atrai o engajamento ativo do olhar do observador, que vai sendo direcionado a percorrer com o olhar pelas linhas e curvas do desenho tal qual um hipnotismo, abrindo a visão para outro plano de percepção além do desenho material, é uma abertura para um estado visionário (BELAUNDE, 2013; LAGROU, 2013). Parafraseando a sabedoria Huni Kuin (ou Kaxinawa), o desenho revelado durante esses estados visionários é como “a sombra do corpo. Você vê, mas você não segura” (Agostinho Manduca Kaxinawa *apud* LAGROU, 2013, p.76).

Entre os Shipibo-Konibo e os Huni Kuin (ou Kaxinawa), há uma relação entre se apaixonar e os estados hipnóticos dos desenhos capazes de revelar uma percepção visionária. Os caminhos labirínticos presente na natureza, como observamos nos rios, raízes, galhos e folhas das árvores, estão também em dimensões cósmicas invisíveis, e que se revelam através dos desenhos (“*kené*”), pela força e ensinamento da cobra às “mulheres de pensamento forte” que, inspiradas por essa força, são capazes de revelar os desenhos ao tecer, fazer cestarias ou grafismos corporais (BELAUNDE, 2013). O “*kené*” (desenho) é uma arte feminina entre estes povos originários, cuja capacidade de seduzir, de atrair o olhar para dentro do desenho, causando um efeito hipnótico e visionário, é frequentemente comparada ao apaixonamento e à sedução, pois o “*kené*” (desenho) é uma arte da sugestão/sedução do olhar. Entre estes “povos com desenho”, há uma valorização da sedução assim como da vulnerabilidade proporcionada pelos estados hipnóticos. O uso ritual da Ayahuasca e o engajamento ativo do olhar nos desenhos revelados colocam a pessoa em um estado hipnótico de

vulnerabilidade, só assim se alcança uma percepção visionária, se deixando envolver pelo abraço da serpente. Os mesmos artifícios que possibilitam uma percepção visionária derivam do modo como a dona dos desenhos, a anaconda, ataca suas presas: hipnotizando e envolvendo. Assim, tais atributos de sedução e hipnotismo próprios da cobra são valorizados, motivo de muito orgulho das “mulheres de pensamento forte” capazes de receber a inspiração em seus desenhos (“*kene*”) que promovem estados visionários (BELAUNDE, 2013). Temos aqui uma outra qualidade na relação entre a imagem da serpente e do feminino nas cosmologias indígenas, bem como um outra outra concepção de construção de conhecimento que valoriza a afetação e a vulnerabilidade enquanto experiências propiciadoras de um estado visionário, que aponta para outras rotas afetivo-cognitivas de construção de conhecimento, que valoriza as afetações da experiência ritual vividas no corpo enquanto fonte verdadeira do saber.

A figura mítica da cobra também é cultuada nos chamados “Brinquedos de cura” ou “Toque de maracá”, práticas de Cura e Pajelança realizados nos terreiros do Maranhão que, por motivos históricos de intensa repressão policial, foram se articulando aos Tambores de Mina, um culto afro-brasileiro que, por ser reconhecido como religião, oferecia abrigo mais seguro das perseguições. Nas sessões, o curador recebe espíritos auxiliares, os Encantados, que podem ser espíritos animais, entre eles, a cobra. Nas religiosidades afro-brasileiras, a cobra também é respeitada e venerada, simboliza transformação e renovação dos ciclos de vida, interligando espaços separados ou polarizados, e por isso está relacionada ao arco-íris que articula os patamares entre céu e terra. Representa o Orixá Oxumaré nos cultos iorubanos, assim como nos cultos jeje daomeanos, há o culto das serpentes, Dangbe, que são Voduns muito venerados, relacionados aos ciclos de renovação e transformação da vida, como por exemplo o Vodun Bessém, representado pela cobra (Dan) que habita o espaço onde aparece o arco íris (LINDOSO, 2007).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de alguns (dos tantos) mitos de origem cultivados nos territórios amazônicos, este artigo buscou dar a ver algumas perspectivas ontológicas – infelizmente muito menos conhecidas do que os mitos de origem bíblicos – que coexistem nos territórios amazônicos. Esse enfoque buscou servir enquanto contraponto às perspectivas ocidentais hegemônicas legadas pelas mentalidades missionárias e colonizadoras que, historicamente, buscaram “desbravar” este território, mas no encontro com este(s) outro(s) mundo(s) de possibilidades existenciais alargadas, demonizaram o desconhecido, como por exemplo, quando diante de naturezas desconhecidas como a da Sucuri, se

horrilizavam com a possibilidade de existência de seres gigantes habitando os leitos dos rios-estradas que interconectam o território amazônico, essa encruzilhada de múltiplos sentidos e mundos possíveis que se abrem para aqueles que estejam abertos a enxergar sua complexidade.

Tendo como fio condutor a imagem da cobra que se multiplica em diferentes sentidos a partir de cada cosmologia própria, as perspectivas indígenas e afro-brasileiras se expressam enquanto contrapontos importantes às concepções ocidentais hegemônicas, nos chamando atenção para outros modos de relação com a diferença e o desconhecido diante da vastidão do(s) mundo(s) em que e com o qual (com)vivemos. Longe de esgotar um tema tão amplo e complexo, os esforços criativos de alinhar aqui uma diversidade de narrativas cosmológicas não pretendeu, com isso, propor nenhuma equiparação ou interpretação conclusiva, tampouco pretendeu dar conta de tamanha densidade do tema. As costuras aqui tecidas buscaram proporcionar um convite singelo a um olhar mais aprofundado para as múltiplas camadas existenciais dos territórios amazônicos, mostrando um pequeno recorte da sua vasta (bio)diversidade e complexidade cultural, que entre tantas maneiras, se expressa também nas narrativas míticas enquanto fonte de conhecimento ancestral milenar deste território. Nos dias de hoje, em meio às tendências a polarizações sociais em diversas dimensões da vida pessoal e comunitária, essas sabedorias nos ensinam (ou melhor, relembram) outras chaves de entendimento de mundo(s) possíveis (e urgentemente necessárias) para se pensar sobre a relação com a diferença e o desconhecido diante da diversidade da vida e da complexidade do(s) mundo(s) em que (com)vivemos.

## REFERÊNCIAS

BELAUNDE, Luisa Elvira. Movimento e profundidade no kene shipibo-konibo da Amazônia Peruana. **Quimeras em diálogo**. Grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2013.

DESCOLA, Philippe; SCARSO, Davide. A ontologia dos outros. Entrevista com Philippe Descola. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 28, n. 43, p. 251-276, abr. 2016. ISSN 1980-5934. DOI:<http://dx.doi.org/10.7213/aurora.28.043.EN01>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio Mendonça Figueiredo. **Revisitando as psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. Petrópolis: Vozes. [1996] 2013.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp.25-49.

GUIMARÃES, Danilo Silva. A Tarefa Histórica da Psicologia Indígena diante dos 60 anos da Regulamentação da Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2022, v. 42 (n.spe), e263587, pp.1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003263587>

GUIMARÃES, Danilo Silva. Uma Introdução à Noção de Multiplicação Dialógica para Compreensão de Processos de Construção de Conhecimento em Psicologia. In: MADUREIRA & BIZERRIL (Orgs.), **Psicologia & Cultura: Teoria, pesquisa e prática profissional** (pp.120-145). São Paulo: Cortez Editora, 2021.

GUIMARÃES, Danilo Silva. **Dialogical multiplication: principles for an indigenous psychology**. Cham: Springer International Publishing, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-26702-5>

GUIMARÃES, Danilo Silva. **“Multiplicação Dialógica: Ensaios de Psicologia Cultural”**. Tese de Livre Docência. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2017.

LAGROU, Els. **Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas?** Uma reflexão sobre uma arte perspectivista. Quimeras em diálogo. Grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2013.

LINDOSO, Gerson Carlos Pereira. **Pluralismos e diversidade afro-religiosa em terreiros de Mina no Maranhão: um estudo etnográfico do modelo ritual do Ilê Ashé Ogum Sogbô**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão-UFMA. 2007.

MARKOVÁ, Ivana. **The Dialogical Mind: Common Sense and Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press.

NEVES, Eduardo Góes. O velho e o novo na arqueologia amazônica. **Revista USP**, n.44, pp. 86-111, 2000.

PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazón de la Amazonia: Identidades, Saberes e Religiosidades no Regime das Águas**. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP. São Paulo. 2009.

PÃRÕKUMU, Umusi & KĚHÍRI, Tõrãmã. **Segunda parte: A origem da humanidade. Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã**. 2. ed. São João Batista do Rio Tiquié:UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN (Coleção Narradores Indígenas do Rio Negro; v.1). 1995.

SEVERI, Carlos; LAGROU, Els. **Introdução**. Quimeras em diálogo. Grafismo e figuração na arte indígena. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2013.

SIMÃO, Livia Mathias. The contemporary perspective of semiotic cultural constructivism: For a hermeneutical reflexivity in psychology. *In*: MARSICO, RUGGIERI, & SALVATORE (Orgs.), **Reflexivity and psychology** (pp. 65-85). Charlotte: Information Age Publishing, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 14, n. 18, p. 225-254, sep. 2004. ISSN 0104-6675.

*Data de submissão: 30/09/2022*

*Data de aprovação: 23/02/2023*